



E Vadim Criou a Mulher¹

Natasha Ferla da COSTA²
Gilson Padilha de VARGAS³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a versão francesa (1956) e americana (1988) do filme *E Deus Criou a Mulher*⁴, do diretor francês Roger Vadim. Ele se propõe a analisar os filmes narrativamente e suas protagonistas, criando parâmetros que aproximam ou afastam estas personagens e seus roteiros. Tal análise usará principalmente os conceitos de narrativa e personagem de Robert McKee em seu livro *Story*.

PALAVRA CHAVE: Roger Vadim; Narrativa; E Deus Criou a Mulher; Personagem; Cinema Francês.

Introdução

A carreira do cineasta Roger Vadim é conhecida principalmente por dois títulos: ... E Deus Criou a Mulher, filme francês de 1956 estrelado por Brigitte Bardot e Barbarella, produção francesa e italiana de 1968 com Jane Fonda. Vadim começou no cinema como figurante em um filme de Marc Allégret, que ficou fascinado pelo jovem que faltava ao trabalho, mas continuava recebendo seu salário. Roger Vadim que na época trabalhava como jornalista desenvolveu o gosto pela escrita e assim fez um roteiro para Allégret. O filme nunca chegaria a ser gravado, mas foi a porta de entrada para o jovem no mundo das produções cinematográficas. Durante quase cinquenta anos, Roger Vadim conseguiu manter uma frequência de trabalho, tanto como roteirista quanto como diretor, podendo trabalhar tanto na França quanto nos Estados Unidos, um grande feito comparado a outros cineastas de sua época. O diretor seguiria um padrão de protagonistas do sexo feminino.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Graduada em Comunicação Social, Habilitação Realização Audiovisual pela UNISINOS, email: ferla.natasha@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Realização Audiovisual, Unisinos, email: gilsonvargas100@gmail.com

⁴ Os filmes de 1956 e 1988 tem, tanto em português, francês e inglês, a mesma tradução. O diferencial do nome em português é que o filme de 1956 é ...E Deus Criou a Mulher e o de 1988 é E Deus Criou a Mulher. No trabalho, quando estiver falando sobre a produção de 1956 será usado ...E Deus Criou a Mulher e, para se referir a produção de 1988 e quando estiver falando dos dois juntos será usado E Deus Criou a Mulher.



During the course of his career, he courted other [além de Brigitte Bardot] beautiful actresses including Jane Fonda and Catherine Deneuve, explaining his need for feminine beauty in work and life as "my style, my nature."^{5 6}

Ainda que Roger Vadim seja lembrado pelo cinema, sua maior fama é referente aos seus casamentos com atrizes famosas. O material sobre o diretor é escasso em língua portuguesa e dificilmente lhe é proporcionado mais que algumas notas referente ao cinema francês pré-Nouvelle Vague. Vadim merece um segundo olhar, um olhar mais apurado sobre sua obra. É curioso notar que a primeira e a última produção de Vadim para o cinema carregam o título de *E Deus Criou a Mulher*, com uma diferença de trinta e dois anos de idade. Em 1987 a revista americana *Time*⁷ noticiou que o diretor francês tinha recém terminado as gravações de seu mais recente filme nos Estados Unidos: *E Deus Criou a Mulher*. O filme americano carregava o mesmo nome de sua primeira produção francesa, mas contava uma história completamente diferente.

So the new film has a very different theme. It asks how romantic love and life can co-exist with the need for personal freedom and identity. The new central character is very different from the one Brigitte [Bardot] played, who was a totally instinctive person. Rebecca [de Mornay] plays a very cerebral character, a reformed anarchist, a music composer. (VADIM, 1988. p. 20).^{8 9}

A intenção desde trabalho é colocar as duas versões de *E Deus Criou a Mulher* sob análise, usando os conceitos de Robert McKee em seu livro *Story* e outros diversos conceitos de roteiro. Criando principalmente um parâmetro entre as duas personagens e suas jornadas dentro de seus respectivos filmes.

⁵ "Durante o curso de sua carreira, ele galanteou outras belas atrizes incluindo Jane Fonda e Catherine Deneuve, explicando sua necessidade de beleza feminina em seu trabalho como "meu estilo, minha natureza.". (Tradução da autora).

⁶ Citação extraída da revista *Time*. (MILESTONE. **TIME MAGAZINE**, Nova Iorque, v. 155, n. 7, p. 11, fev. 2000.).

⁷ PEOPLE. **TIME MAGAZINE**. Nova Iorque, v. 129, n. 20, p. 37, maio, 1987.

⁸ "Então o novo filme tem um tema diferente. Ele pergunta como o amor romântico e a vida podem co-existir em conflito com a necessidade de uma liberdade pessoal e uma identidade. A nova protagonista é bem diferente daquela que a Brigitte interpretou, que era uma pessoa totalmente instintiva. Rebecca interpreta uma personagem bem racional, uma anarquista reformada, uma compositora.". (Tradução da autora).

⁹ Citação extraída da entrevista de Roger Vadim para a *Film Comment* (MANCINI, Marc. So Who Created... Vadim. **FILM COMMENT**. Nova Iorque, v. 22, n. 2, p. 18-23, abril. 1988.).



... E Deus criou a mulher

Em sua autobiografia, Roger Vadim (1975, p. 89), conta que durante os anos 50 a sociedade não sentia muito apreço por aqueles com menos de trinta anos. E o jovem Roger Vadim precisava encontrar alguém que pudesse e quisesse dar o suporte que um diretor novato precisava. Raoul Lévy e Vadim decidiram desde o primeiro encontro fazer um filme juntos. Mas o trio Vadim/Lévy/Bardot não animava os olhos de nenhum financiador.

Vadim que nada fizera, Raoul Lévy que nada produzira, e eu, que nada provara, decidimos rodar um filme que se chamaria *E Deus Criou a Mulher*. Mas não dávamos a impressão de seriedade. Parecíamos três patetas querendo fazer um filme edificante mas de pouco valor. Nenhum financiador queria arriscar um centavo naqueles três insignificantes. (BARDOT, 1996, p. 115).

Tendo o capital inicial para as filmagens, Vadim e a equipe seguiram para as gravações nas cidades litorâneas de Saint Tropez e Nice, na França.

Juliete Hardy (Brigitte Bardot) é uma jovem de livre espírito que vive na cidade litorânea de Saint Tropez, na França, com seus pais adotivos - com quem ela não se dá muito bom. Juliete é apaixonada por Antoine (Christian Marquand) mas acaba se casando com seu irmão Michel (Jean-Louis Trintignant) para não precisar retornar ao orfanato. Juliete vive tranquilamente com o marido até que Antoine volta a morar em Saint Tropez, causando uma grande crise em seu casamento.

A estréia de ...E Deus Criou a Mulher foi em 4 de dezembro de 1956 em Paris, na França. Mas a recepção morna do filme não foi como a equipe havia esperado. Ainda que Vadim conseguiu impactar jovens cinéfilos e espectadores - que em pouco tempo virariam a ser seus colegas de profissão, e expoentes no novo cinema Francês, como conta Richard Brody (2008, p. 178) na sua biografia de Jean Luc-Godard:

He had long wanted to work with Brigitte Bardot [para o filme *O Desprezo*], whose performance in Roger Vadim's *Et Dieu... créa la femme* (... *And God Created Woman*) from 1956, had seemed to him and his friends at *Cahiers* like a riotous, erotic



intrusion of brash youth into the sclerotic French film industry.¹⁰

François Truffaut (1989, p. 344-346) não ficou muito animado com o filme em si, mas salientou a ousadia de Vadim na personagem de Juliette, e a interpretação natural de Brigitte Bardot. Ainda na crítica, Truffaut sugere que a divisão de opiniões sobre o erotismo e representação dos papéis sociais no filme é resultado das diferenças de gerações. Assim, os jovens ficam do lado de Vadim, pois entendem seu olhar.

Ao contrário dos franceses, os americanos fariam a fama de ...E Deus Criou a Mulher. A nudez de Bardot na produção não pode ser negada como um fator quase que determinante no sucesso e fama do filme.

Pela primeira vez se mostrava aos americanos, na tela, que um corpo nu de uma mulher pode ser um objeto de arte e que o amor pelo prazer de amar não é sinônimo de pecado [...] O cinema *made in Hollywood*, por vezes licencioso mas sempre puritano, não mudaria de um dia para outro; entretanto, produziram-se algo que era irreversível. (VADIM, 1975, p. 99 – 100).

Apesar da censura, ...E Deus Criou a Mulher foi uma abertura do cinema francês ao público em diversas partes do mundo. Como lembra Marc Mancini (1988, p. 19), o cinema francês que até então era limitado aos cinemas de artes em grandes metrópoles.

E Deus criou a mulher

Em 1988 Roger Vadim lançava nos cinemas o filme que seria seu último a ser projetado em tela grande: E Deus Criou a Mulher.

A nova produção carregava o mesmo nome de seu primeiro filme, lançado 32 anos atrás na França. Diferentemente da produção européia, onde o roteiro era original de Roger Vadim, E Deus Criou a Mulher é assinado e escrito por R. J. Stewart.

Dessa vez a história era outra. Vadim¹¹ conta que "*Frankly, the project initially interested producers only because it was called And God Created Woman.*"¹²

¹⁰ Ele queria por um longo tempo trabalhar com Brigitte Bardot, cuja performance em *E Deus... Criou a Mulher* de Roger Vadim de 1956, deixou a impressão nele e em seus amigos da *Cahiers du Cinema* como um provocador, um erótico intruso de uma juventude insolente na esclerótica indústria do cinema francês. (Tradução da autora).

¹¹ Citação extraída da entrevista de Roger Vadim para a *Film Comment* (MANCINI, Marc. So Who Created... Vadim. **FILM COMMENT**. Nova Iorque, v. 22, n. 2, p. 18-23, abril. 1988.).

¹² "Honestamente, o projeto inicial só interessou aos produtores apenas porque se chamava *E Deus Criou a Mulher*." (Tradução da autora).



Para Vadim¹³, a escolha de Rebecca de Mornay como protagonista do filme se deve a vários fatores "*Rebecca de Mornay was the right choice, She easily projects intelligence and strength, which is essencial to the movie's central character.*".¹⁴

E Deus Criou a Mulher estreou nos cinemas em 4 de março de 1988. O filme fez pouco mais de 700 mil dólares de bilheteria.

Robin Shea (Rebecca De Mornay) está presa e para conseguir sua liberdade condicional arruma um casamento com um desconhecido chamado Billy. Uma vez fora da prisão ela tem que lidar com as exigências do marido e o casamento de fachada, além de percorrer seu grande sonho que é se fazer música.

O filme também não foi muito bem recebido pela crítica. O crítico americano Roger Ebert (1988) elogia os personagens de Vicent Spano e de Mornay, mas segundo ele, o desenvolver do roteiro não os favorece.

In a movie like this, people are enough. The experience of de Mornay and Spano simply learning to talk to one another is more dramatic than the whole showdown at the political rally.¹⁵

E Vadim cria a mulher

Segundo Robert McKee (2006, p. 45) o que forma a estrutura de um roteiro é "uma seleção de eventos da estória da vida das personagens". O roteiro então só avança com as escolhas que as mesmas fazem ao se deparar com certos eventos, que ainda segundo McKee (2006, p. 46) tem que "criar uma mudança significativa na situação de vida de uma personagem". Ainda segundo McKee o filme de 1988 se encaixaria no que ele chama de "Design Clássico - Arquitrama", a casualidade como Robin e Billy se conhecem, a protagonista ativa que corre atrás de seu destino, tempo linear e final fechado.

Design clássico quer dizer uma estória construída ao redor de um protagonista ativo, que luta contra forças do antagonismo fundamentalmente externas para perseguir o seu desejo, em tempo contínuo, dentro de uma realidade ficcional consistente e casualmente conectada, levando-o a um final fechado com mudanças absolutamente irreversíveis. (MCKEE, 2006, p. 56).

¹³ Citação extraída da entrevista de Roger Vadim para a *Film Comment* (MANCINI, Marc. So Who Created... Vadim. **FILM COMMENT**. Nova Iorque, v. 22, n. 2, p. 18-23, abril. 1988.).

¹⁴ "Rebecca de Mornay era a escolha certa. Ela facilmente projeta a inteligência e força que é essencial para a personagem central desse filme." (Tradução da autora).

¹⁵ Num filme como esse, os personagens são o suficiente. A experiência de de Mornay e Spano apenas aprendendo a falar um com o outro é mais dramática que toda a história política. (Tradução da autora).



O filme de Bardot oscila entre o design clássico e o minimalista. O quesito de protagonista único é o que muda dentro das características do roteiro minimalista e sua minitrama.

Eu chamo esse agrupamento de variações minimalistas de de *Minitrama*. Minitrama não significa *sem trama*, pois a estória precisa ser tão bem executada quanto na Arquitrama. Na verdade, o minimalismo procura a simplicidade e a economia enquanto absorve o suficiente do clássico, de maneira que o filme ainda assim satisfaça o público e faça-o sair do cinema pensando "que estória boa!". (MCKEE, 2006, p. 56).

Juliette tem bastante ação interna, e muitos momentos decisivos do filme acontecem pela atitude ativa de outros personagens, ela é passiva em relação a boa parte das coisas que acontece na sua história. O final aberto é questionável. Depois de brigar, o casal vai junto para casa. Vadim nos mostra que existe uma vontade de ficarem juntos. Mas não temos certeza de que eles conseguirão se entender depois de tudo que eles passaram como marido e esposa.

Sobre o tempo filmico das produções, ambos *E Deus Criou a Mulher* se passam em questão de meses, as referências de datas são poucas ou quase nulas, são apresentadas aos espectadores de forma bem clara e linear. O quesito "filme linear" não está presente na tabela de McKee quando ele se refere aos roteiros minimalistas, mas está presente em ...*E Deus Criou a Mulher*.

Os filmes não podem e não devem ser colocados lado a lado para análise sem que se leve em conta a época que os filmes foram feitos.

Sobre a adaptação, Vadim¹⁶ conta:

The script had little to do with that story which I shot in 1956 in St. Tropez, though I found more connections as I went along. But no, the world and character I depicted are gone, they're hardly relevant after all the changes society has gone through.¹⁷

Juliete é de uma época em que famílias esperavam que as moças fossem comportadas, que achassem um bom marido e se tornassem exemplares donas de casa e

¹⁶ Citação extraída da entrevista de Roger Vadim para a *Film Comment* (MANCINI, Marc. So Who Created... Vadim. **FILM COMMENT**. Nova Iorque, v. 22, n. 2, p. 18-23, abril. 1988.).

¹⁷ O roteiro tem pouca ligação com a história que eu filmei em 1956 em St. Tropez, ainda que eu fosse achando algumas conexões à medida que eu fui avançando. Mas não, o mundo e a personagem que eu retratei se foram eles são pouco relevantes depois de todas as mudanças que a sociedade passou. (Tradução da autora)



mães. A família adotiva de Juliete não desse padrão - podemos perceber a sociedade patriarcal que a personagem vive quando sua mãe adotiva reclama com ela que sua reputação não é boa, não podendo fazer nada além de mandá-la de volta ao orfanato.

Assim como François Truffaut encarou Bardot como o registro da mulher de sua época, Robin pode ser visto como um recorte de seu tempo: uma mulher decidida e dona de seu próprio destino.

Personagens: Juliete e Robin

Na primeira cena de *E Deus Criou a Mulher* podemos perceber bastante sobre Robin. Vemos apenas uma jovem fugindo da prisão. Em certo momento do filme, descobrimos que Mornay está presa injustamente e logo poderá pedir sua liberdade provisória. Mas Robin não tem a intenção de esperar que as coisas estejam a seu favor, ela cria a própria sorte ao tentar fugir.

Já Brigitte Bardot interpreta uma jovem que não tem muitas preocupações com a vida – além do péssimo relacionamento com os pais adotivos, Juliette não leva o trabalho a sério, passa o tempo lendo revistas. Sua maior diversão é sair para dançar.

A relação das protagonistas com a música pode ser um meio de observar as personagens e criar um paralelo entre elas. Nos dois filmes de Vadim a música tem um papel importante para as protagonistas do filme. Fazendo música ou dançando, Robin e Juliete, respectivamente, podem se expressar.

É interessante notar, que mesmo que as duas personagens tenham a música como algo importante, suas relações diretas com a mesma são distintas. Juliete dança conforme a música - reage as circunstâncias, demonstrando certa passividade. Robin faz a própria música, demonstrando pro - atividade.

O ato de montar uma banda diz bastante sobre a personagem de Mornay. De um modo, mostra o quanto a mulher que Vadim filmou mais de trinta anos depois é independente e tem iniciativa. Enquanto Robin age, Juliette fica a mercê da situação e das atitudes dos outros personagens. Ela é levada aquele bar com música sem querer. Lugar certo na hora certa. Mas uma vez com os músicos, absorve toda aquela situação para si e se torna protagonista do que quer que estivesse acontecendo lá.

A relação de cada uma com a música é, como dita acima, diferente, mas vital para as personagens na trama. Juliette talvez só tenha conseguido encontrar forças para



encarar o marido depois de muito dançar e se sentir libertada, e Robin tem nas suas canções algo que a mantém esperançosa durante o tempo que passa presa.

Segundo Howard e Mabley (1993, p. 82):

O conflito é o próprio motor que impele a história adiante; ele fornece movimento e energia à história. Sem conflito, o público permanece indiferente aos acontecimentos mostrados na tela. Sem conflito o filme não deslança. Conflito é fundamental.

Pode-se dizer que Juliette e Robin passam por dois momentos conflitantes nos filmes. Como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 01 Conflitos

1959 x 1988
Primeiro conflito
Juliette vai ter que voltar para o orfanato I Robin está presa
Primeira tentativa de sair do conflito
Fugir com Antoine I Fugir da prisão
Falham na primeira tentativa
Segunda tentativa de sair do conflito
Casar com Michel I Casar com Billy
Quando casadas elas tem problemas de relacionamento com os companheiros
Segundo Conflito
Antoine volta a viver em Saint-Tropez I Robin tenta a carreira musical

As histórias que o filme narra são diferentes, mas tanto Robin e Juliette tomam, numa primeira parte do filme, decisões parecidas para sair de suas situações específicas.

O casamento para elas é encarado como uma válvula de escape para uma vida que elas não desejam no momento.

O roteiro de Vadim para Juliette em muitos momentos favorece o destino da personagem. Ela aceita o convite de Antoine de sair da cidade e, no dia seguinte, ao chegar em casa, recebe a notícia de que seus pais querem que ela volte ao orfanato. Apesar de não ter ido embora, o convite veio na hora certa, ela não precisava se preocupar. Sem ter outra opção para não voltar ao orfanato, Juliette aceita o pedido de casamento de Michel.

Enquanto que Robin tem uma fuga aparentemente bem sucedida, o seu problema foi quando a carona que conseguiu na estrada decide voltar ao presídio por conta de uma mala esquecida. Depois de descobrir que se conseguisse se casar ela poderia ter sua



condicional adiantada, Robin não pensa muito e pede ao desconhecido Billy que se case com ela, como um acordo onde ele sairá com cinco mil dólares.

O que leva um filme adiante são eventos que acontecem na vida das personagens, e é através de como elas lidam com esses eventos que sabemos quem elas são.

A verdadeira personagem só pode ser expressa através de uma escolha em um dilema. Como a pessoa escolhe agir sob pressão é quem ela é – quanto maior a pressão, mais verdadeira e profunda a escolha da personagem. (MCKEE, 2006, p. 351).

Ambas decidem se casar, mas os modos como o fazem são definitivos para traçar um perfil das personagens:

- Juliete aceita se casar com Michel.
- Robin pede Billy em casamento.

Como citado na relação das protagonistas com a música, o mesmo perfil pode ser observado com a atitude que elas tomam como última instância. O "pedir em casamento" de Robin e o "aceitar se casar" de Juliette. Juliette provavelmente teria ficado no orfanato até fazer 21 anos se não tivesse sido pedida em casamento e Robin certamente teria achado outra pessoa que aceitasse fazer negócio com ela e se casar.

A similaridade de conflitos entre Robin e Juliette acaba depois do casamento. O segundo conflito de Bardot no filme é mostrado por pouco tempo no filme, mas é decisivo para o final da história.

Fora da prisão, Robin não perde tempo e vai atrás de seu sonho de fazer música. O filme alterna entre a relação que se constrói entre Billy e Robin e suas tentativas de entrar na indústria musical. Assim como Juliette, Robin tem problemas com a expectativa de Billy de ter uma esposa nos moldes tradicionais, que cuide da casa e da família.

"A chave da Verdadeira Personagem é o desejo" segundo Robert McKee (2006, p. 315). Em outras palavras o que McKee quer dizer é que uma personagem precisa querer algo para si ou para alguém, precisa de uma motivação. O filme torna-se sua jornada e nós como espectadores torcemos ou não para a realização do que é desejado.

A principal característica do protagonista é um desejo, normalmente intenso, de atingir uma meta. O interesse em observá-lo rumando para esse desejo é o que leva o público a se envolver na história. Na verdade, é o movimento em direção ao



objetivo que determina onde o filme há de começar a terminar. (HOWARD; MABLEY, p. 78).

Juliete e Robin não fogem desse conceito. No primeiro momento de *E Deus Criou a Mulher*, Robin quer sair da prisão. Fugir é a primeira opção que a personagem encontra, ela é bem sucedida até que pega carona com a pessoa certa na hora errada. O desejo de liberdade é tanto que Robin arrisca um casamento com um homem que ela não conhece e, assim como na vida real tal atitude pode ter diversas consequências, o mesmo pode acontecer no filme, se assim o roteirista desejar.

Quando Robin tem sua liberdade de volta, seus desejos são canalizados na carreira musical que ela tanto sonha. Mas ela também quer ter uma vida tranquila ao lado de Billy - pelo menos até o final do acordo do casamento. Billy e Robin tem problemas para entrar em acordo de como vão viver o casamento. Aos poucos, e em meio às discussões, um sentimento mútuo de amizade cresce entre eles e uma vontade de fazer com que, mesmo que seja um casamento falso, tenha um tom harmonioso que servirá de benefício para todos envolvidos.

McKee (2006, p. 50) classificaria Robin como uma personagem ativa. "Um PROTAGONISTA ATIVO, na busca do desejo, toma a ação no conflito direto com as pessoas e com o mundo que os cerca."

Robin é bem clara quanto aos sentimentos no filme. Ela sabe exatamente o que quer e tem isso como foco. Juliette não tem a mesma clareza de Robin.

...*E Deus Criou a Mulher* é um filme com bastante ação interna. Como por exemplo, na sequência da dança ao final do filme. Michel mostra sua desaprovação com o comportamento de Juliette batendo no rosto dela. Ela se deixa apanhar por mais de uma vez e, quando a violência cessa, apenas olha para o marido, com os lábios tremendo e um sorriso que custa a vir. O que se passa na cabeça da personagem pode ser interpretado de maneiras diferentes por pessoas diferentes.

Ela ama o marido, mas também ama o cunhado. Enganado por Antoine por mais de uma vez, ela se vê novamente sozinha. Michel vai atrás dela, ele poderia ter seguido o conselho da mãe e deixar que ela se vá, para o bem da família Tardieu. Porém ele ainda se preocupa com Juliette e ela só pode estar feliz que ele tenha vindo atrás dela. A vontade de ficar com Michel é clara na última cena do filme, em que o casal volta de mãos dadas para casa. Mas se o casamento deles realmente vai sobreviver a tudo que eles passaram, pode ser questionado.



Juliette, sim, tem vontade de mudar as coisas. Ela parece não fazer muita questão de continuar vivendo com os pais adotivos e quando sua mãe lhe conta que ela vai voltar ao orfanato, Juliette não mostra uma reação que se possa esperar de alguém cujos pais adotivos não mostram mais interesse de manter sua guarda. Mas nesse momento ela sabe que Antoine esperará por ela na manhã seguinte para irem embora. Ele a enganou e ela não pode fazer nada além de esperar até o dia que terá que voltar para o orfanato. Ela se casa.

Juliete pode ser classificada segundo McKee (2006, p. 60) como uma protagonista passiva: um PROTAGONISTA PASSIVO é extremamente passivo enquanto busca o desejo internamente, em conflito com aspectos de sua própria natureza."

Talvez os desejos de Juliette sejam mais simples que os de Robin, talvez Juliette apenas quisesse viver uma vida tranquila ao lado do marido - sem que necessariamente tenha que desempenhar todo o trabalho de uma típica esposa e dona de casa. Acima de tudo, ela parece querer esquecer o amor que sente por Antoine, um amor não correspondido e que trouxe mais malefícios que benefícios a sua vida.

As protagonistas e os personagens ao redor

Apesar de ter personagens principais tão diferentes, o elenco que cerca as protagonistas Juliette e Robin são parecidos: maridos, a família que os maridos trazem e um homem mais velho. Suas atitudes, que derivam do comportamento das personagens, também são parecidas.

McKee (2006, p.354) constrói um gráfico para visualizar as relações dos protagonistas com o resto do elenco. Os dois gráficos foram adaptados às duas versões de E Deus Criou a Mulher:

Gráfico 02 Juliete e elenco

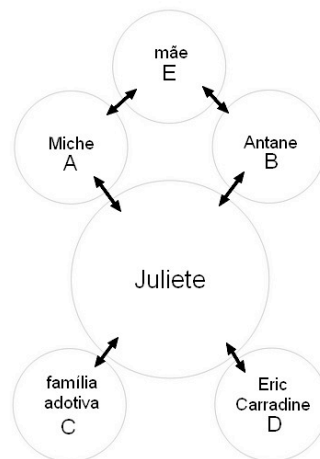
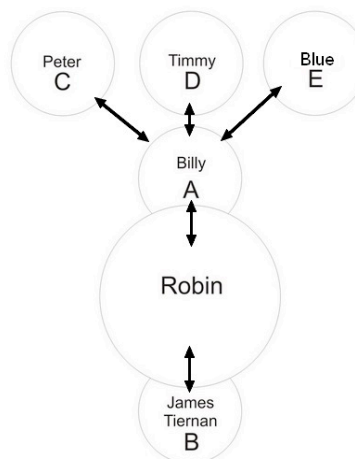


Gráfico 3 Robin e elenco



Brigitte Bardot e Rebecca de Mornay são o centro do universo dos filmes.

Imagine, o elenco com um tipo de sistema solar, com o protagonista como o sol, os coadjuvantes como os planetas ao redor do sol e os papéis menores como satélites ao redor dos planetas - todos seguros nas órbita pela atração gravitacional da estrela no centro, cada qual modificando as marés das naturezas dos outros. (MCKEE, 2006, p. 354).

Billy e Michel, cada qual com seus motivos aceitaram o casamento para tirar



Robin e Juliette de uma situação ruim. Depois de casados, os dois têm comportamentos parecidos e demonstram ciúmes com certas atitudes de suas esposas. Ao perceber que a esposa está atraindo bastante atenção no palco, Billy se envolve numa briga com um homem no bar, e o mesmo faz Michel quando ouve algumas piadas de que ele será traído por Juliette.

O personagem homem mais velho e poderoso também é observado em ambas as produções. Carradine tem uma paixão platônica por Juliette e um sentimento quase paternal. Tiernan vê na possibilidade de ajudar Robin uma boa jogada de marketing para sua campanha eleitoral.

Arranjar o casamento pode ter sido fácil, mas em ambas as relações existe um personagem que é contra os matrimônios. Blue, o amigo de Billy e, a matriarca da família Tardieu. Esses personagens menores que McKee (2006, p. 354) chama de satélites tem pouca ou nenhuma ligação com a protagonista em si.

É importante notar que os dois filmes tem personagens centrais mulheres, mas todo o elenco que dá suporte a história delas é composto unicamente por personagens masculinos. Também é interessante perceber que, apesar da grande diferença de tempo entre uma produção e outra, a protagonista mudou mas todos ao redor dela tem os mesmos sentimentos e atitudes que Vadim gravou nos anos cinquenta.

Considerações finais

Usando os critérios de Robert McKee podemos perceber que Juliette e Robin veem o mundo de forma distinta, mas o mundo não as vê com olhos diferentes. Elas passam por situações conflitantes e encontram na mesma situação um modo de sair desse conflito e depois, quando tomam rumos diferentes, encontram os mesmos percalços. Elas tem visões distintas sobre o casamento, mas é no casamento que encontram seu plano de fuga ou na música, no fazer ou dançar.

Utilizando também os gráficos de *Story* (Robert McKee, 2006), pudemos ver a dinâmica das protagonistas e seus elencos e perceber que tal dinâmica se aplica em ambos os filmes.

Ao olhar as narrativas de um modo geral, elas se diferenciam, principalmente, por conta da personagem principal. O fato de Juliette ser uma protagonista passiva faz com que ela lide muito mais com o seu interior e tome decisões baseadas nas ações de outros personagens. Já Robin é ativa, fazendo com as coisas ao seu redor acontecem para ela pode conseguir suas metas, com que o roteiro vá para frente com suas ações e



suas consequências.

REFERÊNCIAS

BARDOT, Brigitte. **Iniciais BB: Memórias**. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.

BRODY, Richard. **Everything is Cinema: the working life of Jean-Luc Godard**. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2008.

CHION, Michel. **O Roteiro de Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HOWARD, David; MABLEY, Edward. **Teoria e Prática do Roteiro**. São Paulo: Globo, 2002.

LANZONI, Rémi Fournier. **French Cinema: from its beginnings to the present**. Nova Iorque: The Continuum International Publishing Group Inc., 2004.

MANEVY, Alfredo. Nouvelle Vague, In MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial**. São Paulo: Papirus, 2006. p. 221-250.

MCKEE, Robert. **Story**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

TRUFFAUT, François. **Os Filmes de Minha Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

VADIM, Roger. **Memórias do Diabo**. Rio de Janeiro: Livraria Hachete do Brasil S.A., 1976.

REVISTAS

BALLARD, J. G.. Outer Limits: Blast off with Ten Fantasy Tapes. **AMERICAN FILM**. Los Angeles, v. 13, n. 1, p. 57-59, outubro, 1987.

COCKS, JAY. Shedding Darkness On the Youth Culture. **TIME MAGAZINE**. Nova Iorque, v. 27, n. 19, p. 58-59, maio, 1971.

MANCINI, Marc. So Who Created... Vadim. **FILM COMMENT**, Nova Iorque, v. 22, n. 2, p. 18-23, abril. 1988.

MILESTONE. **TIME MAGAZINE**. Nova Iorque, v. 155, n. 7, p. 11, fev. 2000.

PEOPLE. **TIME MAGAZINE**. Nova Iorque, v. 129, n. 20, p. 37, maio, 1987.

FILMES



...E Deus Criou a Mulher (...Et Dieu Créa la Femme), de Roger Vadim, 1956.

Barbarella (Barbarella), de Roger Vadim, 1968.

E Deus Criou a Mulher (And God Created Woman), de Roger Vadim 1988.

O Desprezo (Le Mépris), de Jean-Luc Godard, 1964.

SITES DA INTERNET

Barbarella - Disponível em: < <http://www.imdb.com/title/tt0062711/> >. Acesso em: 31 out.. 2012.

E Deus Criou a Mulher - Disponível em:
< <http://www.imdb.com/title/tt0049189/> >. Acesso em: 31 out. 2012.

E Deus Criou a Mulher - Disponível em:
<<http://www.imdb.com/title/tt0092559/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

Rebecca de Mornay - Disponível em:
<<http://www.imdb.com/name/nm0000360/>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

Roger Vadim - Disponível em:
< http://fr.wikipedia.org/wiki/Roger_Vadim >. Acesso em: 13 nov. 2012.